

**INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO
PÓS GRADUAÇÃO**

BRITT KARINE SABINO SOARES ASEI

A FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

SÃO PAULO
2013

**INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO
PÓS-GRADUAÇÃO**

BRITT KARINE SABINO SOARES ASEI

A FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
do curso de pós-graduação ministrado do
Instituto Federal de São Paulo – Campus
São Paulo.

Orientador: Vinicius Veneziane

**INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO
PÓS-GRADUAÇÃO**

BRITT KARINE SABINO SOARES ASEI

A FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
do curso de pós-graduação ministrado do
Instituto Federal de São Paulo – Campus
São Paulo.

Orientador: Vinicius Veneziane

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Karin Claudia Nin Bauer - _____

Prof. Flavio Valadares - _____

Data da defesa: **04.12.2013**

Resultado - **aprovado com nota 9**

Dedico este trabalho às minhas filhas
Lureen e Laísa, que são também as
molas propulsoras da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Poder Superior, por ter me dado uma "segunda chance", me permitindo seguir com a minha vida entre os que amo, realizar alguns sonhos e concretizar algumas realizações.

RESUMO

O propósito desta pesquisa de cunho teórico fundamenta-se no método qualitativo na busca de elementos para o conhecimento e compreensão de como se apresenta o ensino de Filosofia para Crianças dentro do Ensino Fundamental. Através da pesquisa bibliográfica onde foram realizadas leituras sobre o ensino de Filosofia para Crianças que abordem teoricamente o Programa de Filosofia para Crianças e Educação para o Pensar de Matthew Lipman. O estudo realizado elucida a prática numa Comunidade de Investigação, ação na qual se baseia o programa Lipmaniano, cujo cerne da prática esta na investigação dialógica. Dessa forma são esclarecidos as ações executadas numa Comunidade de Investigação cujos participantes são crianças, fica também claramente exposto que as atividades propostas tem o objetivo de não só trazer ao universo infantil as temas filosóficas mas também estimular o desenvolvimento de um pensamento de ordem superior, isto é um pensamento crítico, criativo e cuidadoso. Quando analisamos de forma reflexiva as atividades executadas na metodologia investigativa de Lipman, percebemos que tais atividades, quando desempenhadas de forma adequada, conduzem os educandos a uma participação ativa e democrática no processo dialógico. Sendo assim a aprendizagem proporcionada vai além de conteúdos, ou da busca de respostas, pois traz à vida dos participantes um aprendizado que se projeta além de seu papel como aluno, visto que a postura crítica e respeitosa necessárias a sua participação na Comunidade implica uma conquista pessoal para toda sua vida. Quanto ao professor necessário para o ensino de Filosofia para Crianças este deve ser competente na teoria e na prática, deve ser capaz de orientar uma Comunidade de Investigação com efetividade, proporcionando o desenvolvimento das habilidades cognitivas e a construção de conhecimentos, pela provocação de perguntas instigantes. Embora o diálogo aconteça nas Comunidades de forma rigorosa visando objetivos maiores, as crianças apreciam o lúdico envolvido no processo dialógico que acontece dentro da Comunidade e cabe ao professor tornar o ambiente apropriado e ao mesmo tempo prazeroso para o processo. O procedimento envolvido na Comunidade de Investigação fortalece a competência da autonomia intelectual, bem como a construção de comportamentos de cooperação e respeito mútuo. Sendo tais aprendizados necessários para uma participação democrática na sociedade. O Programa Filosofia para Crianças de Matthew Lipman oferece fundamentação teórica consistente e metodologia adequada para conquista de uma construção efetiva da cidadania.

Palavras-chave: filosofia para crianças, habilidades cognitivas, formação de professores, cidadania.

ABSTRACT

The purpose of this research theoretical slant is based on qualitative methods in the search of elements for knowledge and understanding of how you present the teaching of Philosophy for Children in Elementary School. Literature readings on teaching Philosophy for Children that theoretically address the Philosophy for Children Program and Education for Thinking by Matthew Lipman were performed. The study elucidates the practice in a Community of Inquiry, in which action is based on the Lipmanian program, whose core practice is in this dialogical inquiry. Thus the actions performed in a Community of Inquiry whose participants are children are explained, is also clearly stated that the proposed activities aims to not only bring the infant universe philosophical issue policies but also stimulate the development of higher order thinking, this is a critical, creative and sensible thinking. When analyzed reflexively the activities performed in the research methodology by Lipman, it is realized that such activities, when performed properly, lead the students to active and democratic participation in the dialogue process. Being provided that the learning goes beyond content or search for answers, it brings to life the participants who learn that protrudes beyond its role as a student, since the critical and respectful behavior necessary to participate in the Community implies an achievement for all their lives. As for the teacher who is about to teach Philosophy for Children he should be competent in theory and practice, and should be able to guide a Community of Inquiry with effectiveness, providing the development of cognitive skills and knowledge building and thought-provoking questions. Although the dialogue happening in Communities accurately aims higher goals, the children enjoy the play involved in the dialogical process that happens within the community and it is up to the teacher to make it appropriate and, at the same time, pleasing. The procedure involved in Research Community strengthens the powers of intellectual autonomy, as well as builds behaviors of cooperation and mutual respect. Both are necessary for democratic participation. The Philosophy for Children Program by Matthew Lipman offers consistent theoretical framework and appropriate methodology for achieving real construction of citizenship.

Keywords: philosophy for children, cognitive skills, teacher education, citizenship

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	7
1.1.	A relevância do Programa Filosofia para Crianças na Educação Fundamental – justificativa para o objeto pesquisado.....	8
1.2.	O pensar filosófico na Educação Fundamental.....	11
1.3.	Os caminhos da pesquisa.....	12
2.	ALGUNS ASPECTOS DA HISTÓRIA DO PROGRAMA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS DE MATTHEW LIPMAN.....	13
3.	A REALIDADE BRASILEIRA E O PENSAMENTO DE LIPMAN.....	15
4.	O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DO PENSAR BEM..	18
5.	EXPOSIÇÃO DO PROGRAMA EDUCACIONAL PROPOSTO POR MATTHEW LIPMAN.....	20
6.	HABILIDADES DE PENSAMENTO SOB A ÓTICA DE MATTHEW LIPMAN.....	24
7.	A METODOLOGIA DO PROGRAMA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS – EDUCAÇÃO PARA O PENSAR.....	27
8.	ETAPAS DA METODOLOGIA DA COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO.....	32
9.	OS MATERIAIS DO PROGRAMA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS.....	35
10.	AS NOVELAS FILOSÓFICAS.....	37
11.	CONCLUSÃO – UMA ANÁLISE REFLEXIVA FEITA SOB A ÓTICA DE UMA EDUCADORA.....	39
12.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado propõe um estudo sobre o “Programa de Filosofia para Crianças - Educação para o Pensar”, focando a sua pertinência nas séries iniciais do Ensino Fundamental, com vistas a verificar o quanto atende às necessidades contemporâneas.

Os caminhos percorridos ao longo de 23 anos como educadora me tornaram uma observadora da natureza humana, principalmente da natureza infantil.

A capacidade de deslumbramento, de curiosidade, a natureza questionadora infantil, a inocência que leva a criança a indagar até sobre o que os adultos julgam “inquestionável” é sem dúvida uma característica presente na infância.

A criança das séries iniciais chega até a escola com expectativas, entusiasmo e energia para direcionar. A imaginação, o lúdico, a participação, o sentir-se pertencente são os desejos dos pequenos. Porém, apesar de todos esses atributos positivos com relação à vida e à escola, o que vemos na realidade da escola pública, são alunos desmotivados após alguns anos de escolarização. Mesmo os alunos das séries iniciais (1º ao 5º anos) após algum tempo demonstram falta de interesse pelos conteúdos e pela forma de aprendizagem oferecida pela escola.

Sendo a Educação tema relevante e de preocupação por parte da sociedade, muitos são os motivos apresentados para esse fracasso que já algum tempo está presente nas escolas públicas brasileiras.

Porém direcionamos o olhar desse trabalho de forma positiva e produtiva, em busca de alternativas que além de eficazes sejam possíveis. Possíveis de serem executadas pelos educadores, eficazes, por acrescentarem ao que já foi conquistado ao longo do tempo.

Entendendo que cabe a todo educador agregar, fazer coro com aqueles que pensam sobre educação, sobre uma educação desejável, a chamada educação de qualidade, trago minha reflexão para o trabalho proposto por Matthew Lipman, Filosofia para Crianças – Educação para Pensar bem, pois entendo e pretendo expor neste trabalho, que tal proposta acrescenta de forma positiva as propostas existentes na pedagogia atual, pois leva o aluno a desenvolver sua capacidade de

pensar, refletir, formular conceitos e questionar com indagações relevantes para sua tomada de posição no mundo.

Uma vez que as propostas educacionais presentes em nossas escolas públicas apontam constantemente para necessidade de criar em nossos educandos senso crítico e capacidade de pensamento questionador e por fortes convicções próprias de que esse é o caminho mais eficaz para se formar um indivíduo competente e capaz de se direcionar de forma positiva dentro da sociedade encaminho-me no estudo da jornada da Filosofia para Crianças entendendo-a como instrumento eficaz para atingir o propósito de formação do indivíduo que sabe pensar bem.

Mas, de que forma acontece a iniciação filosófica de crianças e jovens? E de que forma contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo e rigoroso dos estudantes? Em que posição se encontra o professor nessa proposta de Educação baseada na investigação? Essas questões norteiam a realização desse trabalho.

1.1. A relevância do Programa Filosofia para Crianças na Educação Fundamental – justificativa para o objeto pesquisado

O contexto do mundo atual impõe aos educadores a necessidade de formar pessoas com habilidades para transformar informação em conhecimento e conhecimento em ação. Os indivíduos desta sociedade necessitam uma forma mais elaborada de apreensão dessas informações que são produzidas e repassadas de forma veloz. Desse modo, o papel da Educação na formação deste novo indivíduo é dar os instrumentos necessários para que ele possa relacionar as informações e tirar suas próprias conclusões.

Portanto educar significa promover o desenvolvimento das habilidades e competências cognitivas, criativas e sócio-afetivas, de preferência no diálogo democrático investigativo e reflexivo, autocorretivo e interativo sobre temas relevantes. A experiência demonstra que dessa forma os educandos se capacitam para conquistar saberes e procedimentos necessários para se viver dignamente e compartilhar uma sociedade também digna.

A disciplina que por sua natureza procura educar dessa forma é a Filosofia, porém somente quando cultivada e vivenciada como educação do pensar crítico-criativo-cuidadoso. Melhor seria que a Filosofia não fosse compreendida como uma disciplina apenas, mas como uma metodologia, uma atitude possível de ser aplicada em todas as disciplinas.

As escolas deveriam ter como atividade principal o fortalecimento do pensar, pois o ser humano é formado por seu pensamento. A atitude do filosofar formativo no contexto da formação humana que necessitamos hoje e no futuro, coloca a Filosofia além de somente uma disciplina.

É preciso educar nossas crianças no intuito de torná-las cidadãos de bem, bons profissionais, boas pessoas. Devemos prepará-las para desempenhar os muitos papéis sociais de maneira eticamente adequada, competente e crítica, conscientes não somente de sua individualidade, mas também de sua sociabilidade.

O Programa Filosofia para Crianças tem a proposta de aperfeiçoar o pensamento dos educandos através do exercício do pensar filosófico. No diálogo investigativo, base do programa Lipmaniano, o professor ocupa o papel importante de mediador desse diálogo no sentido de favorecer e estimular as habilidades cognitivas. O educador não mais é o detentor único do saber, ele é o condutor, e através desse diálogo rigoroso, rico em questionamentos pertinentes, o educando vivencia as questões do saber, constrói conceitos, que terão significado para ele por ser “produto” de sua construção. O papel de educando e educador é redimensionado de forma positiva.

Podemos afirmar que a educação para o pensar, proposta do Programa Filosofia para Crianças, almeja possibilitar a criança, a ser autônoma, confiante, atuante e compromissada com o seu meio social, uma vez que a aprendizagem através da construção e do diálogo, aprimora também sua formação como pessoa ética e respeitosa do direito alheio além do seu próprio.

Quando refletimos, ainda que superficialmente, nas proposições do programa Lipmaniano, percebemos que os objetivos almejados pelo programa são atrelados aos nossos objetivos como seres humanos pertencentes a uma sociedade e aos nossos objetivos como educadores.

O programa de Lipman foi pensado por seu autor no final da década de 60,

porém ao analisarmos seus ideais, sua metodologia, sua proposta, entendemos a metodologia como atual. A construção de um indivíduo, autônomo, pensante, com capacidades cognitivas superiores, com ética e capacidade de exercer sua cidadania, um indivíduo capaz de acessar arte e inovações tecnológicas, a construção desse indivíduo reflete com certeza nosso objetivo como educadores na atualidade.

A formação da cidadania responsável sob a ótica filosófica não se limita à ideia de um cidadão capaz de reivindicar direitos e cumprir deveres, mas entende-se como cidadão aquele que tem pensamento crítico, criterioso e ético. Dessa forma, podemos afirmar que o Programa de Filosofia para Crianças é uma das ações que torna viável a concretização de uma proposta educacional voltada para cidadania responsável (CBFC, 2010). Mais uma vez podemos enxergar a expressividade da proposta de Lipman, em qualquer sociedade e em qualquer tempo.

O Programa Filosofia para Crianças propõe que a curiosidade e o deslumbramento natural das crianças seja trabalhado de forma a aprimorar sua capacidade de pensar. O programa Lipmaniano, mais que uma iniciação filosófica trata-se de uma iniciação em “filosofar”. Vale-se dessas características próprias da infância para aperfeiçoar sua formação cognitiva e social. O diálogo com aspectos lúdicos é utilizado na vivência da Comunidade de Investigação, de forma a trabalhar as habilidades no momento apropriado enquanto tal capacidade de questionar não se encontra truncada pelas convenções sociais.

Segundo Lipman, o momento certo para a Filosofia é *também* nas séries iniciais, momento fecundo e apropriado, e ele faz uma análise que vai além da aprendizagem de conteúdos:

A Filosofia oferece um espaço no qual os valores podem ser submetidos à crítica. Esta é talvez, a principal razão para sua exclusão, até agora, da sala de aula da escola primária, e uma razão fundamental para que seja agora, finalmente incluída. (LIPMAN, 1995)

1.2. O pensar filosófico na Educação Fundamental

Talvez em nenhum outro lugar a Filosofia seja mais bem vinda do que no início da educação escolar, até agora um deserto de oportunidades perdidas (LIPMAN, 1990).

O objetivo desse trabalho consiste em analisar o quanto o ensino do pensar filosófico para crianças é importante para sua formação, determinando, a pertinência da iniciação filosófica das crianças já nas séries iniciais de escolarização, com base em uma pesquisa documental e bibliográfica. E também o quanto o desenvolvimento do pensar filosófico acrescenta na capacidade das crianças em fazer juízos lógicos, em adotar atitudes éticas e o pensar reflexivo, e ainda que papel ocupe o professor das séries iniciais nesse processo de formação filosófico-pedagógica.

Diante dessa perspectiva será analisado o “Programa de Filosofia para Crianças – Educação para o Pensar”, que visa ensinar o pensamento filosófico através do diálogo investigativo, quando os estudantes ainda são crianças, tornando-os mais críticos, mais criativos e mais sensíveis ao contexto em que vivem, a fim de verificar se ele atende às necessidades dos educadores que enfrentam esse desafio, e da sociedade como um todo, que carece de indivíduos que dominem os elementos éticos tão necessários às relações humanas, bem como a elaboração de pensamentos de ordem superior, processando informações, elaborando conceitos e produzindo conhecimentos.

A hipótese central desse trabalho consiste em que as ações do Programa *Filosofia para Crianças*, proporcionando o diálogo investigativo entre grupos de educandos (transformados em comunidades de investigação), permitem a construção de comportamentos e atitudes de cooperação, respeito mútuo e interesse por objetivos comuns. E de que a proposta Lipmaniana proporciona formas de aprimorar o pensar dos indivíduos, tornando-os mais eficazes e críticos.

Dessa forma acredita-se que o *Programa Filosofia para Crianças* oferece fundamentação teórica consistente e é a metodologia adequada para proporcionar aos estudantes a conquista de uma autonomia intelectual, tornando possível a realização de uma proposta educacional voltada à construção efetiva da cidadania.

1.3. Os caminhos da pesquisa

A jornada percorrida pela pesquisa foi influenciada pelo próprio tema do trabalho, no caso “O Programa Filosofia para Crianças – Educação para o Pensar “. Assim, a escolha pela pesquisa no método qualitativo, baseia-se principalmente no fato de ser este o método próprio da Filosofia, que considera o mundo como lugar onde tudo se encontra em processo de mudança, isto é, onde eventos, episódios, circunstâncias surgem, mudam, transformam-se constantemente, em processo permanente de movimento.

Entende a Filosofia que não há verdades prontas. Logo, o caráter exploratório da pesquisa qualitativa onde são empregados o pensar livre na formação de conceitos sobre o objeto de estudo, e onde se utiliza percepções e entendimento sobre o aspecto geral do tema, abrindo espaço para interpretação, para o pensar crítico sobre o objeto estudado, foi uma forma eficaz e coerente para realização da pesquisa.

O “*Instituto de Filosofia e Educação para o Pensar*”, uma organização da sociedade civil brasileira de caráter filosófico, educacional e cultural que desenvolve atividades com a intenção de promover, incentivar, ampliar e fortalecer a educação filosófica dentro da Educação Fundamental, através de seus artigos e material apresentado em seus cursos de formação de educadores, nos oferece o aspecto central da metodologia do *Programa Filosofia para Crianças – Educação para o Pensar*. Assim como um pouco da história do Programa, seus principais objetivos e a relação entre filosofia e cidadania segundo a visão do Instituto das obras de Lipman, bem como, a posição ocupada pelo professor no trabalho com a Filosofia para Crianças e a Filosofia dentro da Educação Fundamental.

A pertinência do Programa para as séries fundamentais é tratada de forma ampla pelo próprio Matthew Lipman em suas obras *A Filosofia vai à escola* (SUMMUS, 1990) , e *A Filosofia na Sala de Aula* (NOVA ALEXANDRIA, 2001), nas quais elucida a necessidade e possibilidade de desenvolver nas crianças um pensar crítico, cuidadoso e criativo.

A proposta de educação para o pensar de Lipman propõe um trabalho de investigação dialógica a respeito de temas e conteúdos no qual as habilidades de pensamento são bastante solicitadas. O referido autor indica os quatro grupos mais

expressivos de habilidades: Habilidades de Investigação, Habilidade de Raciocínio, Habilidade de Formação de Conceitos e Habilidade de Tradução. O desenvolvimento de tais habilidades são explicitados em *O Pensar Na Educação* (LIPMAN, 1995).

A aproximação entre Paulo Freire e Matthew Lipman em suas propostas pedagógicas fica bastante evidente na obra *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 1997), quando as ideias são correlacionadas com a proposta Lipmaniana de um aprimoramento com base em investigação dialógica, construção do conhecimento no ambiente coletivo.

Por fim, podemos também avaliar a concordância entre Lipman e Vygotsky, o quanto as ideias Lipmaniana vão ao encontro da ideias de Vygotsky, defendidas em sua Teoria da Aprendizagem, na obra *Teorias da Aprendizagem* (MOREIRA, 1995). Tais ideias são comparadas pelo próprio Matthew Lipman na obra *Natasha: Diálogos Vygotskianos* (LIPMAN, 1997) e em artigo sobre o livro referido o professor Edgar Smanioto apresenta sua visão sobre o que julga ser a apropriação do pensamento de Vygotsky por Lipman.

2. ALGUNS ASPECTOS DA HISTÓRIA DO PROGRAMA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS DE MATTHEW LIPMAN

No final da década de 60, o professor norte-americano Dr. Matthew Lipman, preocupado com o desempenho de seus alunos, concebeu o Programa Filosofia para Crianças, visando cultivar o desenvolvimento das habilidades cognitivas mediante discussões de temas filosóficos, e com tais discussões empreender, a iniciação filosóficas de crianças e jovens.

Eu me perguntava espantado que benefício meus alunos poderiam tirar do estudo das regras que determinam a validade dos silogismos, ou da aprendizagem da construção de oposições inversas. Haveriam eles de raciocinar melhor em função de seus estudos de lógica? Não estariam seus hábitos linguísticos e psicológicos tão solidamente arraigados que todo tipo de método ou de ensino relativo ao raciocínio chegava um pouco tarde?

(LIPMAN, 1990)

Lançava assim as bases do Programa de Filosofia para crianças inaugurando um novo paradigma educacional que tem por meta o desenvolvimento do pensamento crítico, criativo e cuidadoso.

Auxiliado pela Dra. Ann Margareth Sharp, fundou em 1974, o Institute for the Philosophy for Children (IAPC), instituição vinculada à Universidade Estadual de MonClair, New Jersey – EUA, com o objetivo de estruturar melhor seu currículo de Filosofia para Crianças, preparar educadores para o trabalho em sala de aula, realizar pequenas pesquisas sobre o Programa e oferecer suporte e preparação para os Centros de Filosofia em outros países.

O Programa de Filosofia para Crianças demonstrou ser uma abordagem promissora para o aprimoramento das habilidades cognitivas e, a partir de 1976, espalhou-se pelo mundo, sendo traduzido e trabalhado em vários países.

Atualmente, há mais de 50 países com essa proposta. Entre eles: há Argentina, Armênia, Áustria, Bélgica, Brasil, Chile, Costa Rica, Finlândia, Hungria, Islândia, Israel, Itália, Quênia, Lituânia, Malta, México, Holanda, Canadá, Nova Zelândia, Nigéria, Filipinas, Polônia, Portugal, China, Romênia, Rússia, Singapura, Espanha, Suécia, Turquia, Inglaterra, Uruguai.

Lipman sempre acreditou ser a Filosofia a disciplina, por excelência, capaz de favorecer o desenvolvimento da capacidade das crianças de fazer juízos logicamente corretos, estimular atitudes éticas e pensamento reflexivo.

O Professor Matthew Lipman enfatiza a necessidade de a criança aprender a pensar e não apenas memorizar conteúdos. Pois há algo em comum entre as crianças e os filósofos, que é a capacidade de se maravilhar com o mundo. Os filósofos levam essa capacidade a investigação dos problemas da experiência humana, as crianças assim como os filósofos, também ficam intrigadas com questões sobre justiça, verdade, regras, bondade, etc. Necessitam, portanto, de uma educação filosófica para não só tratar dessas questões, mas também para aprender os processos do raciocínio e do julgamento.

No Brasil, O Programa Filosofia para Crianças foi trazido pelas mãos da Professora Catherine Young Silva, que fundou o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças (CBFC), em janeiro de 1985.

3. A REALIDADE BRASILEIRA E O PENSAMENTO DE LIPMAN

A Professora Catherine Young ao retornar ao Brasil, vinda do Institute for the Advancement of Philosophy for Children, nos Estados Unidos, percebeu que estava em ambiente promissor.

Compreendeu que a Filosofia para Crianças vai ao encontro do trabalho de Paulo Freire que à época havia preparado milhares de professores brasileiros para pensar em termos de diálogo criativo e raciocínio crítico, razão pela qual suas idéias até hoje estão presentes e norteiam as propostas pedagógicas da educação brasileira.

Paulo Freire foi um grande pensador da pedagogia libertária e problematizadora. Sempre apostou no diálogo, na educação significativa, com o intuito de possibilitar ao ser humano oportunidade de pensar criticamente.

Freire (1997) defende que todo aprendizado está no exercício intelectual de observar, intuir, verificar e apreender, que o caminho do pensamento é um processo que cada um constrói.

As abordagens e concepções de Freire nessa perspectiva se aproximam dos pressupostos da Filosofia para Crianças.

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere e alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (FREIRE, 1997).

Tanto na perspectiva freiriana; quanto na perspectiva Lipmaniana, a base para a busca do conhecimento se funda na investigação e, o educador deve agir como provocador de situações para criar um ambiente em que todos aprendam em comunidade.

A aproximação da Filosofia para Crianças aos pedagogos e educadores

brasileiros conhecedores da teoria de Freire, foi relativamente fácil e rápida do ponto de vista teórico.

Outro grande influenciador da pedagogia no Brasil o russo Vygotsky, que apresenta sua Teoria da Aprendizagem onde defende aprendizagem como experiência social e o desenvolvimento cognitivo por meio da interação do indivíduo com outros indivíduos e com o meio. Defende também que o professor deve agir como mediador da aprendizagem, estimulando situações que facilitem a aprendizagem e permitam a este aluno que construa seu conhecimento em grupo, porém com participação ativa. A prática do professor deve possibilitar a criação de ambientes de participação, colaboração e constantes desafios. (Moreira, 1995).

Em sua Teoria da Aprendizagem, Vygotsky nos fala sobre a zona de desenvolvimento proximal, que seria a distância existente entre aquilo que o sujeito já sabe seu conhecimento real, e aquilo que o sujeito possui potencialidade para aprender, seu conhecimento potencial. Segundo Vygotsky, a aprendizagem ocorre no intervalo da zona de conhecimento proximal, onde o indivíduo possa aplicar seu conhecimento potencial com a ajuda de outros, e com o professor como mediador dessa aprendizagem, possibilitando momentos de troca de ideias e atividades colaborativas.

“(...) o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que as cercam.” (VYGOTSKY, 1988).

A filosofia para Crianças também tem por objetivo fornecer ao aluno uma estrutura de pensar e agir, o que torna este programa o único estruturado no mundo que pode fornecer o tipo de intervenção na zona de desenvolvimento proximal que atende as propostas de Vygotsky. (Smanioto, 2011).

O Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, sediado em São Paulo, possibilitou ao Programa Filosofia para Crianças se propagar para várias regiões do país. A capacitação dos educadores envolvidos na aplicação do Programa que antes gerava altos custos, pois era feita apenas no Institute for the Advancement of Philosophy for Children, New Jersey - EUA, o que dificultava a execução prática do

programa no Brasil. Isso foi superado com a criação do CBFC, que ficou responsável pela tradução e adaptação dos textos de Lipman à realidade brasileira e pela formação da maioria dos monitores/multiplicadores e dos professores que levam a proposta a vários estados do país.

Dessa maneira, em 1990 o Programa Filosofia para Crianças chega em Cuiabá – Mato Grosso. Nesse ano foi fundado o Programa Prophil e a Amep – Associação Matogrossense de Educadores. A criação do Prophil e Amep, entidades que promoveram cursos de capacitação, aperfeiçoamento e especialização em Filosofia para Crianças e assessoramento de escolas interessadas em implantar o Programa, foi uma iniciativa que coube ao Professor Doutor Peter Buttner.

O Professor Doutor Peter Buttner, nasceu na Alemanha. Após concluir sua faculdade de Filosofia escolheu viver no Brasil onde foi um dos pioneiros da Filosofia e da Filosofia para Crianças no Estado do Mato Grosso e entre suas muitas contribuições está a criação do Departamento e Curso de Filosofia na UFMT. Suas preocupações com a necessidade de mudanças no sistema de educação brasileiro a fim de gerar uma educação "formativa e plena" levaram-no a visão pioneira sobre a necessidade de formação de um novo tipo de professor, provocador e instigador do diálogo investigativo, a fim de produzir nos alunos a maior capacidade de racionalidade possível.

Segundo Buttner (2003), a Filosofia para Crianças – Educação para o Pensar de Matthew Lipman que converte a sala de aula em comunidade de investigação, através de um trabalho autodirigido e autocorretivo, coletivo e interativo, sistematizador do desenvolvimento das habilidades cognitivo-afetivas e sócio-afetivas e da produção e reprodução de saberes em lugar do tradicional ensino dirigido, individualista e apenas receptor passivo, pode ser considerado um protótipo pioneiro para o paradigma que buscamos, isto é, a educação que pretendemos, que promova e desenvolva a capacidade de produzir conhecimentos com autonomia e criatividade.

Ao analisarmos a trajetória do Programa de Lipman e sua concordância e contribuições à premente necessidade de mudança e aprimoramento que se conduz na educação brasileira podemos afirmar que a Filosofia para Crianças se constitui um novo paradigma para educação-formação integral que buscamos.

4. O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DO PENSAR BEM

O papel do professor no paradigma da Educação para o Pensar só pode ser compreendido quando lançamos o olhar para os elementos essenciais da Educação para o Pensar do próprio pensar humano.

Numa Comunidade de Investigação professores e alunos estão juntos como co-investigadores e o professor tente promover isto encorajando o intercâmbio aluno-aluno tanto quanto professor-aluno. Deve-se entender que o professor, ao renunciar ao papel de autoridade informativa, não renuncia ao papel de autoridade pedagógica. Isto é, o professor sempre deve ter a responsabilidade final de estabelecer os arranjos que guiarão e instigarão a classe em direção a uma investigação discursiva cada vez mais auto-corretiva e produtiva. (MANUAL ISSAO E GUGA, 1992)

Uma das maiores preocupações existentes no campo da educação é a necessidade de desenvolver habilidades do pensar nos alunos.

Podemos afirmar que por trás de toda prática pedagógica do professor há uma epistemologia subjacente. Segundo Becker (1996), há três tipos de epistemologia presentes na prática dos professores: a empirista, a apriorista e a construtivista.

Na epistemologia construtivista, predominante na maioria das propostas pedagógicas atuais, temos uma proposição pedagógica construída sobre o poder constitutivo e criador da ação humana. Nessa perspectiva, o professor desafia o aluno respeitando seu desenvolvimento, levando em conta seus interesses e vivências.

Como nos propõe Piaget em seu método clínico, na qual a indagação é o procedimento apropriado para se chegar à organização intelectual, “o interrogador orienta o curso do interrogatório e é dirigido pelas respostas do sujeito” (CASTORINA, 1988). A filosofia entra a partir de vivências e do diálogo filosófico.

Na proposição de filosofia para crianças temos a possibilidade de convocar outro viés dos estudos piagetianos que é o desenvolvimento da autonomia. A conquista da autonomia exige uma trajetória que pode ser adquirida através do trabalho filosófico e das indagações que a criança será desafiada a responder, na *Comunidade de investigação*.

Quando trabalhamos filosofia com crianças percebemos a inclinação natural que os pequenos têm para a curiosidade, admiração, indagação, discussão e reflexão. Esses são traços cognitivos do empenho que a criança faz para elaborar conceitos a respeito de como funciona o mundo.

Assim podemos afirmar que, os conceitos não nascem conosco, mas são conquistados, e quando as crianças chegam à escola, suas mentes já adquiriram muitos conceitos, com significados certos ou errados.

Essa abordagem nos leva a refletir sobre a importância do debate filosófico no desenvolvimento do pensamento crítico, tanto para criar conhecimentos quanto para corrigi-los e aperfeiçoá-los. Porém o debate filosófico não pode ser apenas uma troca de ideias, pois para cumprir seu papel deve exigir e estimular a capacidade de raciocínio e chegar a diversas formas de pensar.

Segundo Lorieri (2002), são características básicas do pensamento filosófico: a autonomia do pensar, a reflexão, crítica e criativa, e a reconstrução contínua das significações humanas.

A Filosofia para Crianças em sala de aula possibilita e desenvolve a autonomia do pensar e a reflexão crítica e criativa, porém essa atividade pedagógico-filosófica necessita de professores capacitados e dispostos a estimular e averiguar ideias numa Comunidade de Investigação, respeitando a imaginação e concepções da criança.

O professor como mediador/facilitador no processo de desenvolvimento das habilidades cognitivas e sócio-afetivas nunca se apresenta como a única fonte do saber, e nem a escola. Pois na Proposta da Filosofia para Crianças, com sua proposição de Comunidade de Investigação, professor e alunos são investigadores.

Embora professor e aluno estejam juntos no papel de “investigadores”, cabe ao professor a responsabilidade de provocar o diálogo e garantir que sejam seguidos os procedimentos necessários para sua realização eficaz.

A proposta Lipmaniana exige um professor que possibilite e provoque a reflexão crítica-criativa-cuidadosa sobre um assunto a ser partilhado, buscando através de indagações, sentido e contexto na significação dos fatos através de uma construção coletiva de conhecimento, feita com diálogos edificantes e pela reflexão, cooperação e respeito à liberdade.

Entretanto favorecer uma discussão filosófica requer disposição, método, saberes e também prática e exercício. É importante lembrar que a discussão argumentativa é o cerne da prática filosófica e ao longo do tempo se torna uma competência.

Diante de tais requisitos, é mister que os educadores estejam bem preparados para orientar os diálogos e para estimular o desenvolvimento das habilidades de pensamento. Tal preparo deve envolver uma formação básica e um preparo específico que envolve o conhecimento da proposta do Programa de Filosofia para Crianças e uma preparação na metodologia do mesmo, além, são claro, de uma boa formação filosófica.

A postura democrática e a vivência de uma reflexividade atenta às dúvidas e sensível ao contexto propicia a criação de uma postura filosófica nos educandos. Esta maneira de fazer filosofia busca enriquecer a prática educativa para o pensar bem. Desse modo o professor não se deve deter em práticas somente conteudistas, mas que promovam a internalização do hábito de refletir e construir conhecimentos necessários e significativos.

A formação específica prévia dos professores para o trabalho com a proposta de Lipman, deve ser considerada como absolutamente necessária e importante, tão importante quanto a própria implementação de uma educação para o pensar nas práticas escolares.

5. EXPOSIÇÃO DO PROGRAMA EDUCACIONAL PROPOSTO POR MATTHEW LIPMAN

O que está claro é que a educação tem que se reformular de tal modo que as condições socioeconômicas nunca possam servir de desculpa para deficiências unicamente educacionais. Ela tem que se reformular de tal maneira que a diversidade de condições

culturais seja vista como uma oportunidade para que o sistema prove a sua boa qualidade, e não como uma desculpa para o seu colapso. (Lipman, Oscanyan, Sharp, 2011, p. 21)

O programa de Filosofia para Crianças desenvolvido por Lipman propõe manter vivas nas pessoas as disposições para investigarem continuamente as chamadas “temáticas filosóficas”, essas temáticas dizem respeito às perguntas que os seres humanos se fazem e que ao longo da história da humanidade têm sido praticamente as mesmas. Dizem respeito à realidade geral, ao sentido da existência, à natureza como um todo, ao agir humano e a tantas outras questões que permeiam a humanidade e sua existência em sociedade.

Segundo Lipman, (Lipman, Sharp e Oscanyan, 2001) muitos adultos deixaram de questionar e buscar os significados de sua experiência, tornando-se exemplos de aceitação passiva para suas crianças, pois para muitos a experiência de se admirar e refletir nunca exerceu nenhuma influência sobre suas vidas.

O Programa de Filosofia para Crianças parte da premissa de que todas as pessoas devem participar da construção de referências significativas para suas vidas. E se todos devem envolver-se na investigação das melhores respostas às questões que são de todos, pois todos as colocam e dizem respeito a todos, isso implica que filosofar deva ser partilhado por todos.

Mas quando a criança começa a raciocinar filosoficamente? Embora toda atividade filosófica envolva raciocínio, não se pode concluir que todo aquele que raciocina esteja envolvido numa atividade filosófica. As crianças começam a pensar filosoficamente quando começam a perguntar por quê. A pergunta “por quê?” é sem dúvida a favorita das crianças pequenas, mas não é uma pergunta simples. (LIPMAN, OSCAYAN, SHARP, 2001)

As crianças de hoje serão pais dentro de algum tempo, daí se pudermos de algum modo preservar seu senso natural de deslumbramento e sua vontade de conhecer o porquê das coisas, talvez não sejam a exemplo de seus pais, modelos de aceitação passiva.

Também faz parte do Programa de Filosofia para Crianças um conjunto de esforços que visa desenvolver a capacidade de pensar, buscando incentivar crianças e jovens a exercerem um pensamento reflexivo, crítico e rigoroso.

O esforço filosófico nos leva a analisar como pensamos e conhecemos um convite a metacognição. O programa de Lipman defende a ideia de que as salas de aula e outros ambientes educacionais devem ser espaços investigativos dialógicos. A proposta é radical transformar salas de aula em “comunidades de investigação”, pois para Lipman o diálogo é inerente ao “fazer filosofia” e deveria ser inerente também a todo processo educacional.

Porém, para se fazer acontecer uma “educação filosófica”, na qual crianças e jovens tenham momentos nos quais são incentivados a explicitar seus questionamentos, instigando e promovendo um desenvolvimento das habilidades e competências cognitivas, criativas e sócio - afetivas, dentro de uma investigação filosófica que proporcione o pensar rigoroso, investigador e contextualizante, é necessário dentre outros recursos a *Formação do professor* adequada para promover tal processo.

As *Habilidades do pensamento* são os instrumentos do pensar, são as capacidades adquiridas que permitem um pensar bem sobre conceitos e problemas. Tais habilidades estão em constante processo de aprimoramento à medida que são empregadas no processo reflexivo e investigativo.

A *Comunidade de investigação* tem como essência o diálogo. E é exatamente nessa troca de ideias, nessa chance de expor seu pensamento aos outros e escutar ideias de outros, que surge a oportunidade de completar, modificar ou confirmar seus próprios pontos de vista. A situação de diálogo promove oportunidades para provocar nas pessoas envolvidas a autocorreção dos seus pontos de vista, implicando a utilização das habilidades de pensamento. A proposta de trabalhar com o diálogo é enfatizada nas falas e nos escritos de Lipman, no Manual do Professor de Pimpa às páginas 19 e 20: “Para uma criança, diálogo é um jogo como pular corda, ou pular amarelinha ou jogar pega-pega. Se você entra no jogo, você se encontra em situações que o desfiam e o compelem a desenvolver habilidades que o tornam capaz de ser competente naquele jogo. As habilidades que revelam competência no diálogo são habilidades de raciocínio.”

Defende Lipman também que o diálogo promove aprimoramento das habilidades de raciocínio sem o uso de treinos, pois o caráter de jogo conferido ao diálogo nas comunidades investigativas faz com que a participação da criança seja agradável e gratificante a ela, afinal não se trata de tarefa pra agradar o professor mas de atividade prazerosa cuja gratificação ocorre no momento, em sua própria participação. O envolvimento das crianças ao tentarem juntos através de diálogo, da troca de idéias, esclarecer conceitos ou decidir qual atitude é a mais adequada é que eles têm que fazer um esforço maior em busca de escutar o que os outros estão dizendo, se expressarem de forma clara e se fazerem entender, fazerem análises e sínteses a todo momento e corrigirem-se quando convencidos pelos argumentos de outros de que seus pontos de vista são equivocados.

A participação numa *Comunidade de Investigação* promove aspectos éticos importantes, pois o diálogo é a regra e não a disputa. Dessa forma aprende-se a respeitar o ponto de vista do colega, aprende-se a respeitar a vez do outro e a exigir o respeito pela sua vez, aprende-se a respeitar regras combinadas e que as regras podem ser discutidas e mudadas também. E quando percebem que o próprio ponto de vista tem o mesmo valor e peso que do outro, entendem que somos todos igualmente dignos de respeito.

A Professora Doutora Ann Sharp, colaboradora do Professor Lipman, em palestra realizada no Colégio Marista Santa Maria, em São Paulo no ano de 2001, fala sobre a sala de aula como comunidade de investigação dialógica ou filosófica e diz: “Quando se está entrando em uma classe numa *Comunidade de Investigação* (...) o principal instrumento usado é o diálogo.”

Outros autores apresentam o valor do diálogo em educação. Paulo Freire propõe uma educação dialógica, expressão marcante de seu pensamento pedagógico. Freire tem expressões como: “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam e transformando-o, o humanizam para humanização de todos.” (Freire, 1975)

O Professor Doutor Peter Butner, pioneiro em Filosofia e filosofia para Crianças no Brasil em seu artigo – Aspectos do Ensino da Filosofia, UFMT também fala sobre a Comunidade e diálogo: “O que precisamos é criar em sala de aula com mentalidade e postura investigadoras e criativas a tudo que nos rodeia e gerar um diálogo metodologicamente conduzido, tornando os conteúdos escolares muito mais

interessantes e significativos...” (Butter, 2003)

O diálogo como cerne da Metodologia Do Programa de Filosofia Para Crianças e Educação para Pensar Bem, é a proposta de Matthew Lipman.

6. HABILIDADES DE PENSAMENTO SOB A ÓTICA DE MATTHEW LIPMAN

Pensar é fazer associações e pensar criativamente é fazer associações novas e diferentes. (LIPMAN, 1995)

Como já dissemos segundo Lipman as habilidades de pensamento são capacidades adquiridas e que permitem um pensar bem. Essas capacidades são procedimentos inteligentes desenvolvidos através da prática e reconhecidos como recursos, instrumentos que permitem ao nosso pensamento aumentar os conceitos e as maneiras de resolver os problemas e constituem a inteligência humana.

Lipman criou uma classificação de habilidades cognitivas e as dividiu em quatro grupos:

Habilidade de raciocínio: inferir, comparar, contrastar, aplicar critérios, etc. Raciocínio é o processo mental que se dá partindo de algo conhecido para chegar a algo novo, por exemplo, através da dedução.

Raciocinar e argumentar bem (argumento aqui é o raciocínio quando falado.) pressupõe o domínio de algumas habilidades segundo Lorieri: capacidade de produzir bons juízos, capacidade de estabelecer relações adequadas, capacidade de tirar conclusões e a capacidade de perceber pressuposições subjacentes.

Entende Lorieri que a capacidade de estabelecer relações adequadas entre ideias e entre juízos, envolve a maneira pela qual se estabelecem as relações entre seres de qualquer espécie, relações sociais, de igualdade ou de diferença. E que a habilidade de tirar conclusões ou inferir deve ser alvo de nossa disposição em estabelecer seu desenvolvimento, pois chegar a boas conclusões é um meio de se conseguir bons resultados não só em nosso aprendizado ou conhecimento, mas também em nossas relações. Já a capacidade de perceber as pressuposições subjacentes, isto é, ler nas entrelinhas é a capacidade que quando bem desenvolvida possibilita o desvendar de mistérios.

Habilidade de investigação: observar, descrever, medir, verificar, etc. Investigar é uma ação que envolve a busca por uma solução para que se resolva uma questão. Essa busca deve ser minuciosa e criteriosa, e uma vez encontrados os dados, deve-se estabelecer relações melhorando-os ou transformando-os. Dando sempre o caráter do pensar bem, do pensar ético. Para se ter competência no processo de investigação, segundo Lipman, são necessárias as seguintes habilidades: habilidade de observar bem, saber formular questões ou perguntas substantivas, saber formular hipótese, saber buscar comprovações e disposição a auto correção.

A ação de observar é fazer um exame acurado de algo, atento a todos os detalhes. A observação exige que usemos além dos sentidos externos a sensibilidade interna, os nossos conceitos culturais já formados e dessa forma produzimos nossas percepções e conhecimentos. A habilidade de observar é comum a todos, porém praticamente todos têm a necessidade de aprimorá-la.

Já quando formulamos uma pergunta essa deve gerar um movimento interno que nos leve a ir em busca de respostas que resolvam a questão. Então, ao formular perguntas, devemos nos certificar de sua relevância e de sua necessidade de resposta para que seja dada solução ao problema.

Saber formular hipóteses por sua vez, é ter a capacidade de antever soluções possíveis ou viáveis. Elabora hipóteses plausíveis aquele que é capaz de imaginar, de supor, criar alternativas para tanto é preciso usar o pensamento criativo.

Quando tenho a pergunta, tenho a possível resposta (hipótese), o que me falta é a comprovação. A comprovação ou não da hipótese é um fator fundamental no direcionamento da forma de agir. Saber buscar comprovação é uma habilidade aprendida através da averiguação, da constatação, da medição. Assim como se buscando os argumentos, e submetendo-os a avaliação necessária. A comprovação através de análise de argumentos é um procedimento válido. Avaliar o porquê da não comprovação de uma hipótese e assumir que houve equívocos ou enganos requer a disposição para a autocorreção, que demonstra sua importância quando entendemos que a possibilidade do erro é o que pode nos levar ao acerto.

Habilidade de formação de conceitos: Definir, generalizar, estabelecer relações, etc. Conceito exprime o que uma coisa é, ou ainda uma explicação

intelectual de algo. Quando pensamos estabelecemos relações entre as idéias, confirmando ou transformando-as. O processo do pensar acontece ao se articular idéias ou conceitos.

A ampla formação de conceitos alicerça o desenvolvimento mental, capacitando o indivíduo a compreender a realidade com a qual interage, e ratificar ou transformar essa realidade.

A posse de conceitos articulados (conceitos históricos, matemáticos, linguísticos, científicos) passa a integrar o processo do pensar, na forma de juízos, encadeamento de juízos, no raciocínio e na argumentação ou explanação discursiva.

Algumas capacidades são essenciais para formação de conceitos assertivos: a capacidade de desdobrar o sentido das palavras, de construir e reconstruir os elementos que compõem um conceito, capacidade de uso de instrumentos que possibilitem conhecer o significado e melhor uso da língua escrita e falada, capacidade de observação apurada da essência da coisa estudada, qualificando-a de forma verdadeira e por fim a capacidade de dizer com segurança o que algo realmente é, impossibilitando a colocação de dúvidas.

Habilidade de interpretação ou tradução: Descrever, interpretar, perceber implicações, etc. Ser capaz de dizer algo que já foi dito, porém com suas próprias palavras, garantindo a sua essência.

Segundo Lipman “isso é o que ocorre nas boas traduções de uma língua para outra”.

O bom desempenho em traduzir, não alterando a autenticidade do conteúdo, envolve aptidões como interpretar, parafrasear, analisar e buscar significados corretos para formar conceitos.

Existem várias situações em que a habilidade de traduzir é de grande importância. Defende Lipman que deve ser garantido ao jovem o direito de aprendê-la e aprimorá-la.

Lipman também nos fala sobre as habilidades sociais, que estão ligadas à empatia, à forma de lidar com as próprias emoções, ao agir com base em regras estabelecidas em comum. Essas habilidades estão diretamente relacionadas às capacidades de trabalho com o outro na comunidade.

O melhor ambiente para a o desenvolvimento das habilidades sociais assim como para aprender a pensar é a Comunidade de Investigação.

Aprender a pensar sobre o próprio pensar é uma forma de investigação filosófica que emprega a lógica para um pensar crítico, a dimensão estética para um pensar criativo e a dimensão ética para um pensar cuidadoso, isto é, o pensar multidimensional.

Ainda sobre pensamento cognitivo nos fala Sharp que “sempre que tentamos processar as nossas experiências e praticá-las para dar sentido às coisas, estamos pensando.” E que o que se tenta fazer na educação infantil nas aulas filosóficas é reforçar um equilíbrio entre o pensar crítico, o pensar criativo e o pensar cuidadoso que segundo Sharp são os três tipos de pensar que fundamentam os objetivos educacionais da Filosofia para Crianças, isto é, o entendimento e o pensamento cuidadoso.

Buttner afirma que o “ensino” da filosofia, do filosofar com crianças e jovens nos moldes Lipmaniano, é formação humana que, diferente do ensino tradicional, capacita para um processo de autodeterminação e autoformação por meio da aprendizagem autodirigida em consonância com o desenvolvimento mental do indivíduo. (Buttner, UFMT, 2003)

13. A METODOLOGIA DO PROGRAMA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS – EDUCAÇÃO PARA O PENSAR.

Em vez de insistirmos que a educação é uma forma especial de experiência que apenas as escolas podem proporcionar, deveríamos estar cientes de que qualquer coisa que nos ajude a descobrir o significado da vida é educativo, e que as escolas são educativas apenas na medida em que facilitam essa descoberta. (LIPMAN, OSCANYAN, SHARP, 2011, p. 23)

A proposta de atividades e as recomendações a seguir têm como base os escritos de Lipman como os que se encontram no O Pensar na Educação, 1995, de acordo com Lorieri.

Na metodologia proposta busca-se fazer com que os participantes do grupo trabalhem de forma cooperativa, que haja diálogo organizado e rigoroso em torno dos temas propostos que resulte num operar com idéias, facilitando a produção do conhecimento.

- *Comunidade de Investigação*

Quando as crianças são incentivadas a pensar filosoficamente, a sala de aula se transforma numa comunidade de investigação, a qual possui um compromisso com procedimentos de investigação, com a busca responsável das técnicas que pressupõe uma abertura para evidência e para a razão. (LIPMAN, OSCANYAN E SHARP, 2001)

O êxito do programa Lipmaniano se deve em grande parte, ao método de aprendizagem denominado *Comunidade de Investigação*. O foco usado nessa metodologia é a prática filosófica, as práticas operacionais, intelectuais e sociais. Os materiais utilizados nessa prática são especificamente elaborados para o “ensino” de filosofia, com o objetivo de ser um espaço ao questionamento e a investigação.

Segundo Lorieri (2012), uma das melhores formas de desenvolvimento do pensar bem através do cultivo das habilidades de pensamento (as habilidades de raciocínio, de investigação, de formação de conceitos e de tradução) é a utilização da metodologia da comunidade de investigação cuja alma ou essência é o diálogo.

Há nos anos iniciais de escolarização, solo fértil para o desenvolvimento do pensamento, por isso a Filosofia para Crianças no sentido de educação para o pensar é muito desejável nesse momento da vida do ser humano.

Em uma *Comunidade de Investigação*, as crianças são incentivadas a elaborar conceitos e ideias através do diálogo investigativo, sendo assim uma maneira de construção autônoma de conhecimento. O respeito mútuo, a solidariedade e a democracia são também exercidas, construídas, isto é, vivenciadas através da prática da comunidade.

Na situação de diálogo, as pessoas trocam seus pontos de vista o que

implica em exposição de seus argumentos ou suas razões além de suas convicções expressas em suas afirmações. Nessa troca as convicções podem ficar mais ou menos fortalecidas, surge nesse momento uma oportunidade para provocar, nas pessoas envolvidas, a autocorreção dos seus pontos de vista requerendo o emprego das habilidades de pensamento.

Diz Lipman (1990), que “a discussão, por sua vez, aguça o raciocínio e as habilidades de investigação das crianças como nenhuma outra coisa pode fazer.”

Agora, por que favorecer o diálogo? – Para uma criança diálogo é um jogo como pular corda, ou pular amarelinha ou jogar pega-pega. Se você entra no jogo, você se encontra em situações que o desafiam o compelem a desenvolver habilidades que o tornam capaz de ser competente naquele jogo. As habilidades que revelam competência no diálogo são habilidades de raciocínio. Por essa razão, diálogo entre as crianças permite que você promova as habilidades de raciocínio sem o uso de treinos, sem compulsão. O caráter de jogo, espontâneo, do diálogo entre crianças, faz com que a participação seja agradável e auto-gratificante. Não é algo que se faça para agradar o professor ou por qualquer recompensa extrínseca. (Manual do Professor – Pimpa)

Esse caráter de jogo, de lúdico pode ser facilmente observado quando se trabalha com crianças e jovens em situação de diálogo. Há grande envolvimento, para escutarem e entenderem o que os outros dizem concordarem ou discordarem do que ouvem darem razões para suas afirmativas ou suas discordâncias e corrigirem-se, quando convencidos pelos outros.

Existem também aspectos éticos importantes na participação em uma comunidade de investigação onde o diálogo, e não a disputa é a regra. No envolvimento de uma comunidade aprende-se a respeitar os pontos de vista dos outros, a respeitar a vez dos outros assim como a exigir respeito pela própria vez. Também se aprende a respeitar regras combinadas e que regras podem ser discutidas e modificadas, mas que são indispensáveis para a convivência humana. Aprende-se que somos todos iguais e igualmente dignos de respeito.

Alguns hábitos têm que ser desenvolvidos: capacidade de trabalhar duro, atenção para os detalhes, objetividade, aversão por falsidade e manipulação, interesse por melhores meios de raciocinar, disposição em acolher alternativas e respeito por cada um dos membros da classe e seus pontos de vista. E o mais importante é que se deve estar disposto a rever sua opinião se for para onde a investigação conduz. (SHARP, 1986, p. 67)

Na Comunidade de Investigação, os alunos se sentam em círculo, face a face. Essa disposição possibilita a cada um confrontar-se com o rosto do outro, auxiliando a realização de uma discussão respeitosa, onde todos podem falar em sua hora e seus pontos de vista são respeitados mesmo quando surge a discordância. Esse é um ambiente que possibilita ajustar o pessoal ao coletivo, pois os membros do grupo se acostumam a trabalhar coletivamente, a questionar os próprios pensamentos, desenvolvendo capacidades cognitivas e sociais.

Podemos dizer que uma das maiores contribuições da Comunidade está na possibilidade de autocorreção, na possibilidade de “pensar sobre seu pensar” de forma sistemática com a intenção de encontrar um conceito uma ideia mais acertada.

Embora o pensamento humano seja um processo natural é perfeitamente possível e desejável que essa habilidade natural seja aprimorada.

O pensar é natural, mas também pode ser considerado uma habilidade passível de ser aperfeiçoada. Existem maneiras de pensar eficientes e outras menos eficientes. Podemos dizer isso com certeza porque temos critérios que nos permitem distinguir pensamento habilidoso do pensamento inábil. Esses critérios são princípios da lógica. (LIPMAN, 1994)

Embora Lipman não aponte o aprender compartilhado como única forma de aprendizagem, ele indica a sua riqueza de possibilidades.

A Comunidade de Investigação, em certo sentido, é uma aprendizagem conjunta e, portanto um exemplo de aprendizagem partilhada. Mas, em outro sentido, representa a exaltação da eficiência do processo de aprendizagem, visto que os alunos que acreditaram que toda aprendizagem significava aprender sozinho descobriram que podem também utilizar a experiência das outras pessoas e beneficiar-se delas. (LIPMAN, 1995)

Afirma Lipman também que o diálogo, é mais que uma conversa, é uma conversa organizada, com uma temática definida e com intenção de ampliar o conhecimento desta temática a partir das contribuições dos envolvidos nessa conversa. O diálogo na Comunidade tem a intenção de provocar desequilíbrio nas convicções dos participantes com a intenção de levá-los a ampliar seu conhecimento ou a aprimorar seus argumentos.

Segundo Matthew Lipman (O pensar na educação, 1995) “o pensamento de um individuo é, em grande parte, uma internalização daquilo que ocorre no grupo ou grupos dos quais o individuo participa.” Ele apresenta um quadro no qual mostra comportamentos que são exigidos numa Comunidade de Investigação e que acabam por serem internalizados pelos participantes da mesma.

Comportamentos característicos da Comunidade de Investigação	Comportamentos internalizados
---	--------------------------------------

Os membros questionam-se uns aos outros	Os indivíduos questionam-se a si mesmos
Os membros questionam, entre si, razões para convicções (apresentadas)	Os indivíduos refletem sobre suas razões para pensarem como pensam
Os membros levam em conta as ideias uns dos outros	Os indivíduos levam em conta ideias próprias já tidas anteriormente
Os membros oferecem contra-exemplos às hipóteses das outras pessoas	Os indivíduos pensam contra-exemplos para as próprias ideias
Os membros chamam atenção para possíveis consequências das ideias	Os indivíduos pensam nas possíveis consequências das suas próprias ideias
Os membros utilizam critérios específicos quando fazem julgamentos	Os membros utilizam critérios específicos quando fazem julgamentos

14. ETAPAS DA METODOLOGIA DA COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO

Conceitos apresentados pelo Professor Doutor Marco Lorieri em Curso: Filosofia para Crianças e Educação para o Pensar, (2012), direcionado a professores, educadores e gestores do setor público e privado da Educação.

a.) Leitura em voz alta de um texto:

Os textos mais adequados para este trabalho são os textos portadores de conteúdos relativos à problemática filosófica, quando se quer desenvolver um trabalho de iniciação filosófica com as crianças. Textos apropriados que contenham de alguma forma questões que dizem respeito à realidade geral, ao ser humano, ao sentido de sua existência, ao agir humano; questões relativas ao justo, ao bom, ao certo. Ao fato de o ser humano pensar e produzir conhecimento, de onde derivam questões sobre a verdade, o pensar e ainda sobre o seu papel na vida das pessoas, a convivência em sociedade, as manifestações artísticas e outros.

São apropriados para o trabalho na comunidade os episódios ou capítulos das novelas produzidas por Lipman, alguns textos da Literatura Infantil e Juvenil que abordem algum dos temas citados, também são apropriados. A escolha é feita de acordo também com a faixa etária dos membros do grupo e de sua maturidade.

Inicia-se a leitura de forma coletiva, para iniciar-se o envolvimento do grupo, cada membro lê um trecho do texto. Quando os participantes são crianças todos querem ler; nesse caso se o episódio for curto lê-se novamente o texto até que todos tenham participado. É possível também dramatizar o texto quando houver diálogos no episódio.

b.) Levantamento e registro de questões a partir do texto lido:

Terminada a leitura, os participantes retomam o texto individualmente para identificarem as questões que o texto provocou neles. Há aí um esforço de elaboração mental ao buscar as indagações e expressá-las em forma de pergunta.

Os participantes se manifestam levantando a mão, e o coordenador do grupo (o professor no caso do grupo ser composto por crianças) pedem que digam sua pergunta em voz alta e a registra na lousa ou folha grande de papel, colocando ao final o nome de seu autor. O importante é que todos os participantes tenham oportunidade de dizer suas questões e que sejam registradas.

No início do trabalho as perguntas, especialmente quando os participantes são crianças, tendem a ser repetitivas e até mesmo ingênuas, porém com o passar do tempo as questões passam a ser mais complexas e substantivas.

Visando desenvolver a habilidade de formular questões e problematizar, o coordenador do grupo pode após certo tempo, cobrar relevância e objetividade nas questões apresentadas colaborando para o avanço dos participantes.

c.) Relacionamento das questões:

Terminando o registro das questões, pede-se aos alunos que observem atentamente e identifiquem aquelas que tratam do mesmo tema. É um momento rico

do processo, pois ao relacionarem as questões de acordo com os temas ou assuntos estão relacionando ideias e exercitando uma habilidade cognitiva básica no processo de pensar.

Ocorre durante esse processo um esforço por relacionar, classificar, justificar e interpretar ideias.

O resultado dessa ação de agrupar as questões pelo tema será um elenco de temas, esses temas com suas questões serão o conteúdo a ser trabalhado, daí para frente nas discussões.

O passo seguinte será discutir com o grupo por um dos temas e iniciar o *Diálogo Investigativo*.

A etapa do agrupamento das questões implica na interpretação das questões, porém até que o grupo demonstre maior aptidão a identificar temas ou assuntos, outra forma de agir pode ser solicitar ao grupo que escolha uma das questões e se inicie o debate, acrescentando outras depois.

d.) Diálogo sobre os temas:

Quando as pessoas se envolvem num diálogo, são levadas a refletir, a se concentrar, a levar em conta as alternativas, a ouvir cuidadosamente, a prestar muita atenção as definições e aos significados, a reconhecer alternativas nas quais não havia pensado anteriormente e, em geral, a realizar um grande número de atividades mentais nas quais não se teria se envolvido se a conversação não tivesse ocorrido. (Lipman, Sharp, Oscanyan, 2001)

A metodologia proposta centra-se na ideia do diálogo. É o núcleo de todo processo, pois parte-se do princípio que é no jogo rigoroso e organizado da troca de ideias que se podem mobilizar as habilidades de pensamento e é nesta troca que as ideias se reforçam ou se corrigem de maneira enriquecedora.

Solicita-se a um dos participantes para responder a uma das questões levantadas sobre o tema, dizendo as razões porque opina desta forma. Assim inicia-se o diálogo.

Em seguida o coordenador do grupo indaga ao autor da questão se está

satisfeito ou não com a resposta do seu colega e suas razões. Obtida sua resposta indaga-se se mais alguém do grupo deseja falar e ao se manifestar deve dar suas razões também. Caso ninguém queira manifestar-se pode o coordenador do grupo questionar aos participantes, com o objetivo de fazer com que todos participem. No decorrer da discussão o coordenador inclui novas questões formuladas por ele e ao se esgotar a discussão em torno de uma pergunta deve-se passar a outra.

Para a realização do diálogo devem ser levadas em conta algumas Regras como condição para que o diálogo seja proveitoso:

- Todos os participantes devem falar. A fala opera e ativa o pensamento, provoca-o, desencadeia-o, organiza-o e é por ele organizado.
- As falas devem se ater ao tema da pauta. Conseguir permanecer fiel ao tema garante coerência no discurso e facilita sua organização interna.
- Cada um deve falar na sua vez. Para poder falar do tema em pauta e, garantir a coerência e a organização de suas falas, os participantes precisarão saber ouvir o que dizem seus colegas. Isto demanda aprendizado e muitas vezes cobrança por parte de quem coordena as discussões.
- Respeitar o ponto de vista dos outros, o que implica em analisá-los e aceitá-los ou não somente pelo peso dos argumentos e nunca por razões pessoais.

As sessões de Filosofia para Crianças devem ser realizadas duas ou três vezes por semana e cada sessão não deve durar mais que uma hora. Sendo assim, numa primeira sessão somente se conseguirá ler o texto do episódio, levantar as questões e relacioná-las. Somente numa outra sessão é que se fará a discussão. Daí a importância do registro de todas as questões, pois serão retomadas na próxima sessão.

15. OS MATERIAIS DO PROGRAMA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

Os textos mais acertados para o desenvolvimento do trabalho numa Comunidade de Investigação, são aqueles que são portadores de conteúdos relativos a temática filosófica. Aqueles que tratem de questões ontológicas, de

antropologia filosófica, questões relativas ao campo da Ética, da Epistemologia, da estética e da Lógica. Sendo assim muitos textos da Literatura Infantil e Infanto Juvenil, textos cinematográficos, textos poéticos ou da literatura em prosa podem ser utilizados quando trazem de alguma forma as temáticas mencionadas.

Entre as obras mais adequadas para a empreitada da Comunidade de Investigação, estão os Livros-textos destinados aos alunos e os Manuais destinados aos professores, criados por Matthew Lipman e sua equipe.

Lipman e sua equipe desenvolveram as Novelas Filosóficas para serem usadas pelos alunos e os Livros do Professor para auxiliar a mediação do professor na investigação filosófica em sala de aula.

A Novela Filosófica é uma narrativa que apresenta temas e problemas filosóficos através de falas e enredo vividos pelos personagens.

O Livro do Professor contém planos de discussão e exercícios sobre conceitos filosóficos para auxiliar a mediação do diálogo na comunidade de investigação e desenvolver as habilidades de pensamento.

Segundo Sharp (2004), a diferença entre as Novelas Filosóficas e as outras histórias para crianças no trabalho com a Comunidade de Investigação está no fato de que as novelas filosóficas são um gênero com um objetivo específico, que é convidar as crianças a adentrarem nos diálogos filosóficos sobre conceitos centrais e controversos presentes na experiência humana. Elas têm um objetivo didático bem definido e são elaboradas a partir de conceitos filosóficos tradicionais, possuem estratégias que levam a reflexão, além de terem ideias e estilos de pensamentos que são bem recebidos pelas crianças.

As novelas filosóficas, enquanto textos, também servem como meio para a investigação, pois elas apresentam conceitos procedimentos e situações filosóficas contextualizadas na vida real que podem ser facilmente transferíveis para as crianças.

Os Livros do Professor não são manuais instrucionais no sentido de guias ou receitas prontas que devem ser seguidos rigidamente, pois oferecem planos de discussões e atividades que buscam envolver as crianças numa investigação filosófica.

Os manuais procuram levar o professor a manter o momento inquisitivo ao

qual o romance deu o impulso inicial. Fazem isso por meio de uma abundância de planos de discussão e perguntas, planejados de modo a suscitar novas perguntas e não a preparar caminhos para resposta explícitas (Lipman, 1990).

Muitos envolvidos em Filosofia acreditam que a aproximação filosófica através da literatura infantil seja mais fácil do que as novelas filosóficas, porém Ann Sharp, colaboradora de Lipman, discorda.

Sharp acredita que pelo fato de muitos educadores ainda não estarem suficientemente preparados para levar seus alunos a uma discussão filosófica efetiva, uma vez que a instigação de um diálogo filosófico requer certa habilidade adquirida também com a experiência, as novelas filosóficas com seus manuais sejam o melhor material para o trabalho na Comunidade de Investigação.

As literaturas comuns não se proporcionam aos leitores os instrumentos necessários para filosofar. Não se preocupam com a formação de conceitos e hipóteses criativas sobre a natureza das coisas, não identificam as estruturas dos argumentos e as falácias do raciocínio, e tampouco buscam procedimentos reflexivos e investigativos. Estes procedimentos frequentemente tornam-se centrais em uma discussão filosófica, e não é garantia que professores e alunos serão capazes de identificá-los pela simples análise de um trabalho literário, até o reconhecimento de conceitos controversos é algo que se aprende com a prática (Sharp, 2004, p.24)

16. AS NOVELAS FILOSÓFICAS

A informação pode ser transmitida, as doutrinas podem ser inculcadas, os sentimentos podem ser compartilhados – mas os significados têm que ser descobertos. Não podemos “dar” os significados às outras pessoas. Podemos escrever um livro que outras pessoas possam ler, mas os significados que os leitores, eventualmente venham a alcançar, são os que extraem do livro, não necessariamente aqueles postos nele pelo autor. (Lipman, Oscanyan, Sharp 2011, p. 23).

As Novelas Filosóficas de Lipman são escritas tendo como um de seus critérios a faixa etária da criança. As novelas devem ser adaptadas as diversas línguas, levando-se em conta as peculiaridades de cada lugar assim como nos afirma Sharp (2004).

Apresentaremos em uma breve descrição os temas e as tramas, abordadas pelas novelas, pelo olhar de Darcísio Muraro (2009).

Rebeca – Um livro escrito por Ronald Reed, colaborador de Lipman, é utilizado para a iniciação filosófica com crianças da Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental. O texto é ilustrado e possui trinta e sete capítulos. O foco do programa Rebeca é a pergunta como forma de iniciação na reflexão filosófica. O trabalho também possibilita o desenvolvimento de habilidades como detectar semelhanças e diferenças, raciocínio hipotético, critérios de classificação, relação de causa e efeito, esclarecimento de conceitos. Ao longo da narrativa as crianças são convidadas a pensar sobre o próprio pensar, envolvendo-se com problemas pertinentes à filosofia. Alguns temas como percepção, identidade, imaginação, medo, e segredo, também são abordados.

Issao e Guga – Esse livro é indicado para o trabalho com alunos de 8 e 9 anos, o texto completo de Issao e Guga possui introdução e dez capítulos. O foco do trabalho é a preocupação com a percepção e processos do conhecimento, propondo o desenvolvimento de habilidades básicas de pensamento para essa faixa etária. Aborda temática da filosofia linguagem, teoria do conhecimento, ontologia, ética e estética. Aborda alguns temas como natureza, poluição, guerras, trabalho, verdade, beleza entre outros.

Pimpa – Novela escrita por Matthew Lipman, indicada para crianças de 9 e 10 anos. O texto possui 11 capítulos e é indicado para dois anos letivos de trabalho, geralmente utilizado no 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. O foco do trabalho é a filosofia da linguagem, antropologia, ética e fenomenologia. É um programa de raciocínio, comunicação, e expressão. Estimula a criança a escrever. Propõe o aperfeiçoamento de um conjunto de habilidades próprias para este nível de ensino. Alguns temas como identidade, corpos e mentes, partes e todos, justiça, direito, dever, espaço, tempo e família, são abordados no livro.

A Descoberta de Ari dos Teles – Um livro indicado para adolescentes de 11 a 13 anos. O texto completo de A Descoberta de Ari dos Teles possui 17 capítulos, material para ser trabalhado durante dois anos letivos. O foco do programa Ari é aprender a pensar e a pensar sobre o pensar. Por isso, Ari propõe princípios e práticas que propiciam o raciocínio estruturado e busca oferecer aos alunos familiaridade com a sequência de ideias lógicas. Sua ênfase está na lógica formal, na lógica das boas razões e na lógica do agir. Esta novela nos apresenta uma introdução à investigação filosófica, problematizando temas de Ontologia, Antropologia, Teoria do Conhecimento, Ética, Estética, Fenomenologia, Política, Linguagem e Educação. Assim, o pensar, estereótipos, conhecimento próprio, indução, dedução, percepção, morte, mente, gênero, costumes, confiança, amizade, são assuntos tratados no programa Ari.

Luísa – Livro indicado para adolescentes de 13 a 15 anos, ou seja, indicado para o trabalho no 8º e 9º anos. O foco do programa de Luísa é a investigação dos problemas da ética e da moral, propondo a reflexão rigorosa sobre valores. Trabalha-se com a argumentação lógica e construção de critérios e conceitos fundamentais para o autoconhecimento e a tomada de decisões, contribuindo para a formação da autonomia moral e da convivência com as diferenças. Retoma alguns temas e problemas da Antropologia, Teoria do Conhecimento, Ética, Estética, Política, Linguagem e Educação. O programa de Luísa propõe o desenvolvimento de habilidades como, considerar relações de parte/todo, meios e fins, regras e princípios e contextualizar.

Há também a novela Elfie indicada para a faixa etária de seis e sete anos e que procura provocar as crianças sobre questões relativas a seu próprio pensamento e sobre a realidade a qual fazem parte. Porém Elfie não foi traduzida e adaptada para a Língua Portuguesa.

17. CONCLUSÃO – UMA ANÁLISE REFLEXIVA FEITA SOB A ÓTICA DE UMA EDUCADORA

As crianças desde muito cedo aprendem a valorar e perceber as consequências políticas de seu agir e do agir no mundo. Embora não as tenha claras como conceitos são capazes de percebê-las e se sentem afetadas e

comovidas diante da injustiça ou da pobreza, ou diante da violência ou abandono. E ao se sentirem incomodadas elas se interessam em pensar as questões e procurar soluções para os problemas.

Quando refletimos sobre as práticas propostas pelo Programa de Lipman, entendemos que a Filosofia para Crianças é uma maneira de investigação ética sobre os valores, que longe de ser uma prática moralizante proporciona através do diálogo, uma reflexão coletiva sobre os valores éticos. Há no Programa Filosofia para Crianças um sentido ético muito expressivo, e quando a criança começa a pensar filosoficamente está exercendo sua cidadania.

Logo, a educação filosófica na escola fundamental representa muito mais do que a apropriação por parte dos educadores de uma metodologia que possibilite a reformulação desejada, ou a prática em concordância com as pedagogias até aqui propostas.

A Proposta de Filosofia para Crianças traz para o cotidiano escolar de professores e alunos a possibilidade do pensar ético e autônomo que se constitui uma oposição a opressão, ao autoritarismo em suas várias formas. Um fortalecimento da competência de autonomia significa também um fortalecimento da prática de uma cidadania democrática.

As práticas propostas pelo programa Lipmaniano na Comunidade de Investigação, baseadas no diálogo investigativo realizado de forma rigorosa, proporcionam uma mudança de postura do educador e do educando, ambos tem que interiorizar mudanças na sua maneira de pensar e agir. Uma vez que a prática da Comunidade é dialógica e reflexiva, e que a vivência da Comunidade já se constitui numa ação que exige uma tomada de postura, ainda que haja a possibilidade de mudanças ao logo do processo.

Na prática Lipmaniana, embora o objetivo não seja construir filósofos, a criança trata questões filosóficas, que dizem respeito aos questionamentos comuns de todos os seres humanos, questões que já fazem parte de sua vida porém que não são tratadas de forma direta, e cujas respostas servem para orientar sua forma de pensar, agir, de ser.

Existem dois lados que podemos considerar na prática dialógica proposta por Lipman. A primeira delas é a que citamos acima, a construção do ser ético, que por si só já é uma conquista importante. A segunda é o exercício das habilidades do pensamento, que se trata de um benefício pessoal que se refletirá de forma positiva

em toda sua trajetória como ser humano, em todas as áreas de sua existência.

A forma como Lipman apresenta sua proposta, nos mostra que essa prática é bastante aceitável em uma sala de aula. O material apresentado e as práticas orientadas são possíveis e desejáveis em sala, e as séries iniciais se mostram ambiente favorável para tais práticas uma vez que as crianças, questionadoras por natureza, terão um espaço onde tais questionamentos serão permitidos e orientados. Além disso, o lúdico que se estabelece na prática da Comunidade sob o olhar infantil faz com que a criança sintam-se incentivada e desejosa de participar do processo.

A reflexão, a princípio e a possível mudança de postura por parte do professor que requer o trabalho com a filosofia, também se constituem num ganho para ambas as partes, professor e aluno. Podemos citar Freire (1996), “ensinar exige reflexão crítica sobre a prática”, o Programa Filosofia para Crianças e Educação para o Pensar é um convite a professores e alunos, um convite à reflexão, ao diálogo, a autocorreção, e a conquista do pensamento crítico, criativo e cuidadoso.

A coerência e a concordância do Programa Lipmaniano com as ideias e os ideais das práticas pedagógicas presentes na educação brasileira, ficam claras quando lançamos um olhar atento para a proposta de Lipman.

Quando pensamos na formação do professor do Ensino Fundamental das escolas públicas para a prática da Filosofia para Crianças e Educação para o Pensar, entendemos que o material apresentado pela Proposta acrescenta outra vantagem à metodologia, pois os Manuais são uma orientação segura para a iniciação da prática em sala, ainda que seja preferível uma formação em Filosofia por parte do professor tal material propicia o começo dessa formação no que diz respeito a orientar uma Comunidade de Investigação.

A proposição inicial deste trabalho era de que as ações do Programa de Filosofia para Crianças seriam capazes de propiciar um diálogo investigativo entre as crianças e a construção de comportamentos e atitudes de cooperação mútua, bem como possibilitar o aprimoramento da forma de pensar dos alunos. Ao longo da pesquisa, ao ler e nos aprofundar nas ideias e nas propostas de Lipman, bem como ao compará-la as demais propostas presentes e de grande expressão na pedagogia dentro da educação Fundamental, a ideia inicial sobre a relevância do Programa Lipmaniano para o Ensino Fundamental se consolidou de forma bem clara.

Entendemos que a Proposta de Lipman partilha de coerência não só com

nossa prática já estabelecida, mas também com nossos objetivos educacionais tanto, na formação do ser para a vida em sociedade, quanto ao “ser aluno” aquele que temos em nossa escola e que necessita se sentir feliz e motivado como participante do processo educacional, entendendo a escola de outra forma e se sentindo pertencente aquele meio.

A proposta de Lipman aponta para a formação do indivíduo que sabe pensar bem de forma crítica, possuidor de pensamento de ordem superior. Um sujeito capaz de direcionar sua vida e seus interesses é capaz de adquirir conhecimento e exercer sua cidadania de forma consciente. Essa formação iniciada na infância por ser essa fase propícia e fecunda para a formação de valores e aprimoramento intelectual do indivíduo.

18. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, E. e OLIVEIRA de R, P. Educando para o pensar. São Paulo. Thomson, 2002.
- BECKER, Fernando. Epistemologia do Professor. Petrópolis. Vozes, 1996.
- BUTTER, Peter. Aspectos Educacionais do Ensino da Filosofia. 2003. Revista Sul- Americana de Filosofia e Educação
- BUTTNER, Peter. Mutação no educar: uma questão de sobrevivência e da vida plena: o óbvio não compreendido. Cuiabá. EDUFMT, 1999.
- BUZZI, Arcângelo R. Filosofia para Principiantes. A inexistência humana no mundo. Petrópolis. Vozes, 1983.
- CASTORINA, José. et alli. Psicologia Genética. Porto alegre. Artes Médicas, 1988.
- Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças. Artigo: Cidadania e Filosofia para Crianças, São Paulo, 2010.
- Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças: Cole o Pensar: 5  Vol. São Paulo, 1998.
- CHAUÍ, Marilena. Convite a Filosofia. São Paulo:  tica, 1999.
- DEWEY, John. Democracia e Educa o. 3  edi o. São Paulo: Nacional, 1959
- FREIRE, P. Extensão ou Comunica o. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1975.
- FREIRE, P. A importância do ato de ler: três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1997.
- FREIRE, P. A Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo. 1992. Paz e Terra.
- GARDNER, Susan. Investiga o não   uma mera conversa. In: A filosofia e o incentivo   investiga o filosófica. Cole o Pensar. Vol. IV. São Paulo: Centro Brasileiro de Filosofia e Educa o para Crianças, 1997.
- GAZZARD, Ann. A filosofia para crianças e a disciplina de filosofia. In: A filosofia e o incentivo   investiga o filosófica. Cole o Pensar. Vol. IV. São Paulo: Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, 1997.
- KANT, Immanuel. Lógica. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- KOHAN, W. E O e Leal, B (org). Filosofia para Crianças em Debate.

Petrópolis: Vozes, 1999.

KOHAN, W. O e Kenned, D (org). Filosofia e infância: Possibilidades de um encontro. Petropolis. Vozes, 1999.

LIPMAN, M.A Filosofia vai a escola. São Paulo: Summus, 1990.

LIPMAN, M. Natasha: Diálogos Vigotskynianos. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre:Nova Alexandria, 1997.

LIPMAN, M. O pensar na Educação.Trad. Ann Mary Fighiera Perpétuo.Petrópolis: Vozes, 1995.

LIPMAN, M.Pimpa. Trad. Sylvia J. H. Mandel. São Paulo: Difusão de Educação e Cultura S/A, 1995.

LIPMAN, M.SHARP, Ann Margareth.OSCANYAN, Frederick S.Filosofia na Sala de Aula. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

LIPMAN, Matthew.Issao e Guga. Trad. Sylvia J. H. Mandel. São Paulo:Difusão de Educação e Cultura S/A, 1992

LORIERI, M. Filosofia Fundamentos e Métodos. Filosofia no Ensino Fundamental. São Paulo: Cortez, 2002.

LORIERI, Marco A. Filosofia no Ensino Fundamental. São Paulo: Cortez, 1980.

LUDJKE, Menga e André, Marli E. D. A pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAGNANI, Ivete. Filosofia: Conteúdos, objetivos, metodologia e avaliação.Escola em Movimento. São Paulo, 2000.

MANDEL, Sylvia. REED, Ronald. Manual de Instruções: filosofia para crianças. São Paulo: Difusão de Educação e Cultura S/A, 1996.

MOREIRA, Marco Antonio.Teorias da Aprendizagem. São Paulo: EPU, 1995.

MORIN, Edgar.A educação do ser e do saber. Petrópolis: Vozes,1995.

MURARO, Darcisio. Material Didático do Programa Filosofia para Crianças. Publicado pelo Instituto de Filosofia e Educação para o Pensar (IFEP) em 11/07/2009, <www.philosletera.org.br>, consultado em 10/2013.

OBIOLS, Guillermo. Uma Introdução ao Ensino de Filosofia. Rio Grande do Sul: UNIDIJUI, 2002.

PACHECO, J.A. O pensamento e a Ação do Professor. São Paulo: Porto Editora, 1995.

PENIN, S. Cotidiano e a escola: a obra em construção. São Paulo: Cortez,

1989.

PERRENOUD, P. Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PIAGET, Jean. O nascimento da inteligência na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIAGET, Jean. Sabedoria e Ilusões da Filosofia. São Paulo: Difusão Eupopeia, 1969.

Rios, Terezinha Azeredo. Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade. São Paulo: Cortez, 2001.

SÁTIRO, Angélica. Com diálogos, relatos e reflexões. Belo Horizonte: Cultura, 1998.

SAVIANI, Demerval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez, 1980.

SCHON, Donald. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Arte Médicas Sul, 2000.

SHARP, Ann M. Educação: uma jornada filosófica. Centro Brasileiro de Filosofia par Crianças, 1986.

SHARP, Ann M., A Filosofia na Comunidade de Investigação: educar para o pensar e para valores. Palestra realizada em 18 de agosto de 2001 no auditório do Colégio Marista Santa Maria. Disponível em: www.philosletera.org.br - IFEP.

SHARP, Ann M. Entrevista a Saed Naji na Conferência em São Cristóvão, México em 2004. Núcleo de Estudos em Filosofia. Consultado em 25/10/2013. Disponível em: <www.filosofiaparacrianca.com.br>.

SPLITER, L. E Sharp, Ann M. Uma nova educação: a comunidade de investigação na sala de aula. São Paulo: Nova Alexandria, 1999

VERGEZ, André e HUISMAN, Denis. História dos filósofos ilustrada pelos textos. São Paulo: Freitas Bastos, 1984.

VYGOTSKY, L. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VYGOTSKY, L. A formação da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1987.